

## PEQUENO ESTUDO SOBRE O HOMEM BRASILEIRO DUAS ABORDAGENS DE UM MESMO TEMA

Maria Helena D. N. Saragiotto  
Pós-Graduação em Filosofia  
PUCAMP

### INTRODUÇÃO

A preocupação com o social, centralizando a temática de um curso dirigido a pessoas com formação filosófica nos fez questionar: Que social é este? De que modo ele atinge o filósofo?

O real social ao qual se dirige a atenção da filosofia social é por nós entendido como coisa relativa à sociedade. Sociedade vista como o conjunto de indivíduos que interagem entre si, e o real, como manifestação fenomênica da sociedade. Deste modo, o real tem também conotação histórica, geográfica, política, econômica.

A partir do que foi dito, ainda resta a pergunta: Como este real social é visto pelo filósofo? De que forma o filósofo aborda este dito "real social"?

A nosso ver, a pergunta é da área da Epistemologia. Neste caso, do ponto de vista do processo, o que distingue a abordagem filosófica, de qualquer outra, é o modo de conceber e de conhecer o real.

Enquanto que, para o senso comum, o real é algo que existe concretamente e, portanto, por extensão, se poderia dizer que o real social seria o conjunto de indivíduos atuando num determinado tempo e espaço, tendo como cenário a sociedade à qual pertencem, cumpre, dizer também, que não seria este o real social a atingir o filósofo.

Para o filósofo, a questão se coloca em termos de uma teoria do conhecimento. Tanto a realidade, quanto a sociedade, serão objeto de conhecimento enquanto fenômenos que se apresentam objetivamente mas, que trazem consigo, toda uma carga subjetiva, motivos subjacentes ao fenômeno manifesto.

Portanto, para o filósofo, o real não é mais apenas o concreto, aquilo que se pode conhecer de modo objetivo e que, comumente, é identificado como verdadeiro, pelo simples fato de existir. Assim, também o social, deixa de ser um dado sensível da interação dos indivíduos, para se tornar uma questão do tipo: "O que está subjacente às chamadas mani-

festações sociais: Quais os mitos, por exemplo, que, revelados, nos darão condições de chegar aos motivos básicos de tais e quais fenômenos sociais?"

Não podemos esquecer que, a finalidade da filosofia é especulativa-prática e que sua intenção é, sempre, conhecer a verdade.

Nestes termos, o real só passa a ser filosófico, quando visto numa categoria filosófica. Portanto, para a filosofia social, o que vai interessar será o ser social, o existir social, o homem como ente social.

Isso posto, esclarecemos que a nossa preocupação genérica é o homem e, a específica, o homem brasileiro. O que pretendemos apresentar, será um estudo do homem brasileiro, visto numa perspectiva filosófica, a partir de dois textos que, embora não escritos por filósofos, acreditamos se prestarem a esta abordagem.

O primeiro texto, "Raízes do Brasil", de Sérgio Buarque de Holanda e o segundo "Problemas Brasileiros de Antropologia" de Gilberto Freyre. Como Sérgio Buarque de Holanda, no decorrer do seu estudo do homem brasileiro dedica alguma atenção à atuação do Positivismo no Brasil, essa referência nos sugeriu a leitura de alguns textos de autores positivistas, na tentativa de neles encontrarmos alguma referência ao homem brasileiro que pudesse de alguma forma, servir para um confronto com o homem brasileiro apresentado nos dois textos já citados.

## I – SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E O HOMEM CORDIAL

A tese apresentada em "Raízes do Brasil", em termos do homem brasileiro, é a do "homem cordial". Diz Buarque de Holanda que "a contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade daremos ao mundo o "homem cordial"<sup>1</sup>, sem esquecer que características do homem cordial, como, "a lhanesa no trato, a hospitalidade, a generosidade"<sup>2</sup>, nada têm a ver com civilidade e boas maneiras, mas sim, com "um fundo emotivo extremamente rico e transbordante"<sup>3</sup>.

As boas maneiras e a polidez, se entendidas como uma "mímica deliberada" utilizada no convívio social, aparecendo mesmo como uma "organização de defesa ante a sociedade (...) equivalendo a um disfarce"<sup>4</sup>, não são cultivadas pelo homem cordial.

O chamado ritual social, provoca no brasileiro absoluta aversão; ele se submete a algumas formas de reverência desde que estas não suprimam a possibilidade de um contato mais familiar.

Este contato familiar, esta intimidade, são buscados pelo brasileiro não só em termos de relacionamento humano mas, também na

relação homem-objeto. O brasileiro os quer, homens, objetos, santos, acessíveis aos sentidos e próximos do coração<sup>5</sup>.

Esta proximidade procurada pelo brasileiro é fruto da ética que conduz o comportamento social do povo, e que, segundo Buarque de Holanda, é uma "ética de fundo emotivo"<sup>6</sup>, que consegue humanizar o convívio social, afrouxando o rigor ritualístico no relacionamento humano.

Em termos de vida religiosa, a intimidade e a familiaridade permeiam o culto religioso, e, de tal forma, a espontaneidade do homem cordial se faz presente, que o ritual se abranda e em geral o culto aos santos se transforma em festas populares tão ao gosto do brasileiro. Praticando uma religião superficial, apegada ao concreto e muito ligada à pompa exterior, o brasileiro se mostra pouco devoto, sem compenetração e pouco atento ao culto religioso<sup>7</sup>.

Falta disciplina e coesão à vida íntima do brasileiro para que ele possa se integrar socialmente de modo firme e consciente mas, isso lhe dá liberdade e disponibilidade para adotar o que melhor lhe apetece em termos de idéias, gestos e formas de vida, os quais assimila sem grandes dificuldades<sup>8</sup>.

Esta facilidade em assimilar novidades, faz com que os brasileiros se mostrem avessos às atividades monótonas e, em termos profissionais, muitas vezes exerçam profissão completamente diferentes daquela para a qual estão legalmente habilitados através de um diploma. Outro fator que contribui para essa atitude de mobilidade profissional, além da facilidade em assimilar novas formas de vida, é o fato do brasileiro não buscar no trabalho senão sua própria satisfação, colocando, como fim do trabalho, o próprio homem, e não a obra<sup>9</sup>.

Assim, hospitaleiro, pouco dado às convenções sociais e aos ritos religiosos, receptivo às mudanças, apreciador das festas e das aparências exteriores, íntimo e familiar, emotivo, pouco dado à disciplina e ao rigor, o homem brasileiro vai assumindo o predicado "cordial" que lhe foi atribuído na tese de Buarque de Holanda.

## II – GILBERTO FREYRE E A DIALÉTICA ILHA-CONTINENTE

No Prefácio à 3ª edição de "Problemas Brasileiros de Antropologia", Gilberto Freyre mostra o homem brasileiro como ideal para ser o mediador entre antigas e novas culturas, uma vez que, nele se mesclam a modernidade e a permanência, frutos de sua etnia e de sua herança cultural.

Gilberto Freyre pretende uma abordagem do homem brasileiro em base científica, pesquisando detalhes físicos e psicológicos, reafirmando sempre a falta desse embasamento científico quando se trata de estudar o homem brasileiro, que varia tanto de uma região para outra do país, que "ao nome político 'Brasil' e ao nome 'brasileiro' não correspondem unidade somática nem rigorosa unidade psicológica (do ponto de vista da chamada psicologia de raça); nem mesmo unidade de cultura absoluta"<sup>10</sup>.

Como o autor defende a tese de que o povo brasileiro se constitui em diferentes "ilhas", de acordo com a região onde vive, apresentando diferenças físicas, psicológicas e culturais, ele faz uma análise de cada uma dessas "ilhas" em separado.

### **A – São Paulo e a personalidade bandeirante**

O bandeirante paulista, fruto da miscigenação do branco com o ameríndio, trouxe consigo o vigor do elemento híbrido, e se caracteriza pelo "espírito particularmente dinâmico e criador"<sup>11</sup>. Gilberto Freyre relaciona o bandeirante com o resto do país da mesma forma que os povos imperiais se relacionam com os coloniais<sup>12</sup>, isto porque, o bandeirantismo "é um estado de espírito, uma atitude, um desejo de ação e de criação transregional"<sup>13</sup>. Talvez por isso, São Paulo se antecipou às demais províncias brasileiras na industrialização de sua economia, causando inclusive preocupações no sentido do povo paulista perder suas características e, enfraquecido, copiar a cultura estrangeira.

Psicologicamente, o homem paulista se apresenta de modo aberto, simples, quase que sem mistérios, como "um homem de poucos arabescos na sua configuração psicológica"<sup>14</sup>.

### **B – O povo gaúcho**

Segundo Gilberto Freyre, o estudo do homem do Rio Grande do Sul, deve levar em consideração a predominância do elemento açoriano na colonização desta região do Brasil.

Mesmo vivendo numa região bem delimitada, o homem gaúcho apresenta diferenças comportamentais que levam o autor a subdividir o povo gaúcho de acordo com dois tipos distintos de comportamento, ou seja, os dionisíacos e os apolíneos.

Os apolíneos caracterizados pela "sobriedade e a continência no comportamento, enquanto os dionisíacos, ao contrário, favorecem o

abandono e os excessos emotivos nas danças, nos ritos, nos discursos, no canto, no comportamento em geral”<sup>15</sup>.

Mas, tanto apolíneos quanto dionisíacos, os gaúchos trazem consigo, a herança do homem açoriano, “tranqüilos ainda que corajosos nas suas iniciativas, lusitanamente pertinazes nos seus esforços de lavradores, criadores de gado, comerciantes...”<sup>16</sup>, exemplos marcantes da cultura herdada de Portugal, democrática e híbrida.

### **C – A respeito dos mineiros**

A procura do ouro e dos diamantes na região de Minas Gerais, marcou fundo a personalidade dos mineiros e de tantos quantos se instalaram na região em busca de riquezas.

Lá foi forjado um outro tipo de brasileiro, cheio de precauções, reservas e sutilezas. “No mineiro o simplismo é só de aparência: dentro é como se fosse um interior de igreja bizantina (...). O mineiro, com seus retraimentos, suas contradições, (...), é um dos mistérios de psicologia regional brasileira...”<sup>17</sup>.

### **D – Outros tipos brasileiros**

O autor se refere, ainda, à sociedade aristocrática dos engenhos de açúcar, do Norte, com seu gosto pelo lazer e seus modos fidalgos e sedentários<sup>18</sup>.

Com relação ao povo baiano, fica registrada, com maior ênfase, a influência que os negros libertos levaram para a África quando deixaram o Brasil “via Bahia”, ou seja, o gosto pelas festas, a alegria, os santos da Igreja e mais os do candomblé, a música, o canto e a dança, as alegres vestimentas das baianas, mas, principalmente, o “culto da família ou da casa, cristãmente organizada em torno da mulher e da monogamia”<sup>19</sup>, não em termos de matriarcalismo, mas, sim, do “brasileiríssimo maternalismo”<sup>20</sup>.

### **E – Conceituando “ilha” e “continente”**

Apontando as diferenças regionais do homem brasileiro, Gilberto Freyre introduz os conceitos de continente e de ilha. Continente

significando "continentalidade de extensão, de iniciativa, de progresso, de americanidade, de experimentação, sentido caracteristicamente americano que é hoje a base da nossa política de solidariedade fraternal com as demais nações da América"<sup>21</sup>, e ilha, com o significado de "profundidade, de densidade, de conservação de valores-maternos indígenas, europeus e africanos"<sup>22</sup>, ambos essencialmente brasileiros, requerendo conciliação e equilíbrio.

Diante da realidade brasileira, oscilando entre estes dois pólos antagônicos, é necessário que se estabeleça a harmonia que propiciará o desenvolvimento de uma política cultural do Brasil, e que será a síntese da dialética continente-ilha. E, isto não será difícil, pois, "pela sua configuração de arquipélago cultural, o Brasil tem em si, recursos extraordinariamente plásticos sobre os quais o brasileiro poderá levantar uma cultura nova e original, em que se harmonizem antagonismos até hoje em conflito noutros países"<sup>23</sup>.

### III — BUSCANDO O HOMEM BRASILEIRO NO CONTEXTO POSITIVISTA

Como foi dito na Introdução, a leitura de Raízes do Brasil, despertou nosso interesse para os textos de alguns autores positivistas, na tentativa de verificar qual o tratamento que deram ao estudo do homem brasileiro, já que Buarque de Holanda, no capítulo "Novos Tempos", lhes dedica atenção considerável.

Recorri a Luis Pereira Barreto, Teixeira Mendes e Miguel Lemos, buscando sempre encontrar alguma referência específica ao homem brasileiro. Não a encontrei. O que depreenhi da leitura destes textos<sup>24</sup> é que estes autores, nos textos citados, não tratam especificamente do homem brasileiro.

O homem que os preocupa não é aquele bem situado no tempo e no espaço, tão bem delimitado e caracterizado que parece se concretizar (como vimos em Buarque de Holanda e em Gilberto Freyre); o homem dos positivistas é universal; tanto poderia viver em terras brasileiras quanto na França de Augusto Comte. Ressalva feita a Miguel Lemos que tratou do escravo africano em terras brasileiras.

Por que então, num livro como Raízes do Brasil, uma obra que trata do Brasil e do povo brasileiro, o positivismo aparece merecendo boa dose da atenção do autor Buarque de Holanda?

A nosso ver, isto se justifica em função da preocupação social, comum a ambos, e que aparece tão nitidamente em Raízes do Brasil, quanto nos textos positivistas; e pensamos ser até mesmo impossível falar

em idéias sociais no Brasil, sem referência ao positivismo, que desenvolveu no Brasil a tematização do social.

Por sinal, a preocupação com o social em geral, e com as classes sociais em particular, aparece clara em todas as obras consultadas, as frases são explícitas e os autores, incisivos<sup>25</sup>. Sem contar todo um projeto elaborado por Teixeira Mendes no sentido de que a abolição da escravidão não desencadeasse em problema social talvez maior do que a própria escravidão<sup>26</sup>.

Não se deve inferir daí que todos os positivistas tinham preocupações com o proletariado e sua possível ascensão social. Os positivistas, tomados em conjunto, tinham, ao contrário, uma postura nitidamente elitista.

O que nos parece, é que o positivismo não se impôs no Brasil, como uma filosofia social; o tratamento que seus seguidores ortodoxos lhe deram, o caracterizou mais como uma religião<sup>27</sup>, onde uma ética rigorosa fazia com que seus adeptos levassem vida espartana, dedicando-se à Religião da Humanidade, sem pompas e sem usufruir, até mesmo, do trabalho escravo<sup>28</sup>. E mais, a pretensão positivista era de unificar o território nacional através da religião. Para tanto, Miguel Lemos fundou a Igreja Positivista do Brasil, onde era praticada a Religião da Humanidade, toda ela fundamentada no Catecismo Positivista de Augusto Comte.

Como não poderia deixar de ser, uma vez que beberam a largos goles a doutrina comtiana, nossos positivistas trouxeram para o Brasil a exacerbação das Ciências Positivas, desenvolvidas principalmente nas Escolas Politécnicas. A física, a química, a matemática, apareciam como fadas madrinhas capazes de solucionar problemas políticos, econômicos e sociais; davam, assim, um tratamento científico até às suas preocupações sociais<sup>29</sup>.

Deste modo, através do culto das ciências positivas, e do Apostolado Positivista, os positivistas brasileiros, ao que nos parece até o momento, se limitaram a transplantar para o Brasil, os ensinamentos de Augusto Comte, sem contudo elaborar as devidas adaptações às nossas condições específicas.

## CONCLUSÃO

A busca de informações a respeito do homem brasileiro nos levou a duas abordagens distintas entre si.

Sérgio Buarque de Holanda, aborda o homem brasileiro a partir de seus ancestrais negros e índios, e dos brancos colonizadores, portugueses e espanhóis.

Como consequência de sua própria formação, o povo brasileiro apresenta, como característica própria, a cordialidade. É com elegância e descontração que Buarque de Holanda descreve o homem cordial sem, contudo, perder a objetividade, o método ou a clareza que permeiam todo o texto de *Raízes do Brasil*. O resultado deste trabalho é, como já disse anteriormente, um como que "concretizar-se" deste homem que vai sendo construído em cada capítulo do livro. Mas, o que estará sob a imagem do homem cordial?

A resposta, me parece, começa a se formar já no início do livro quando Buarque de Holanda aponta a influência do colonizador sobre o povo brasileiro. A frouxidão da estrutura social, a falta de hierarquia na sociedade portuguesa, a repulsa dos ibéricos à moral fundada no culto ao trabalho sendo que o ócio aparece como importando mais do que o negócio e a atividade produtora, foram passados para o brasileiro.

A facilidade de adaptação a outras culturas também nos parece uma característica que o homem cordial herdou dos portugueses. Deste modo, a imagem do homem cordial seria um reflexo de toda a formação do povo brasileiro em termos sócio-culturais.

A "concretude" do homem brasileiro, sua focalização muito bem determinado numa dimensão espaço-temporal, sua ascendência e características mais marcantes são pontos em comum que aparecem tanto em *Raízes do Brasil* quanto em *Problemas Brasileiros de Antropologia*.

O homem brasileiro que Gilberto Freyre apresenta, também vai sendo construído em cada capítulo. O tratamento científico que o autor dá ao tema, circunscrevendo-o às regiões geográficas do país, surte efeito no sentido de tornar claro o quanto há de diferença entre o brasileiro de cada uma das regiões de tão extenso território. O motivo das diferenças? O mesmo que Buarque de Holanda já nos apresentou, isto é, a diferença de colonização de cada uma das regiões apresentadas em *Problemas Antropológicos Brasileiros*.

Freyre apresenta um movimento dialético entre continente e ilha, caracterizando um homem brasileiro diferente em cada região do país, e sugere como solução antropológico-social para o melhor desenvolvimento do país, a síntese de todas as suas ilhas. Com isso, seriam resolvidas as grandes diferenças culturais, políticas e religiosas que ele apresenta em seu livro.

Esta síntese nos parece também a proposta positivista quando, em termos de religião, sugere a Religião da Humanidade, desenvolvida numa Igreja Universal, numa dialética do nacional com o internacional, enquanto Freyre aponta como veículo para a síntese cultural do país, a dialética do regional com o nacional, (da ilha com o continente).

Gilberto Freyre fala também do interesse social em se fazer um estudo antropológico que, do ponto de vista prático, servirá de auxílio para a atuação de educadores, homens de Estado e também comerciantes e industriais.

Este trabalho de base, (conhecer o homem), é fundamental para se definir metas e meios de ação. Quanto aos positivistas, a tratativa do homem é bem diversa e, a falta de um estudo antropológico nos parece ser responsável pela importação da doutrina de Comte como um bloco monolítico, sem a devida pertinência às características do povo brasileiro.

O que vemos, do ponto de vista social, é que os positivistas souberam muito bem detectar os problemas brasileiros, se ocuparam deles com muita seriedade e confiança nos bons resultados que colheriam mais dia menos dia. Mas, os bons resultados que esperavam não chegaram em grande quantidade, exatamente por faltar-lhes a preocupação antropológica, a caracterização adequada do homem ao qual endereçaram suas preocupações e que, a nosso ver, deve preceder as tentativas de solução de qualquer problema social.

Fundamentalmente, o que distingue Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda e Problemas Brasileiros de Antropologia, de Gilberto Freyre, dos textos positivistas consultados, é que, enquanto aqueles tinham como objeto de estudo o real social, estes se prendiam ao real científico.

O fato do positivismo ter assumido a problemática do social, inclusive com a proposta de uma "física social", não o torna uma filosofia social; sua perspectiva de enfoque da problemática social se aproxima mais de uma filosofia da ciência do que de uma filosofia social, ou seja, o positivismo não aborda o real social numa categoria filosófica.

No que diz respeito a uma aproximação entre os textos de Buarque de Holanda, de Gilberto Freyre e dos positivistas já citados, nosso trabalho ficou dificultado pelo fato de que a preocupação antropológica especificamente dirigida ao homem brasileiro que constitui a preocupação central tanto de Buarque de Holanda quanto de Gilberto Freyre, não transparece em nenhum dos textos positivistas consultados para a elaboração deste trabalho.

Portanto, embora nossa pesquisa não tenha logrado êxito em localizar uma concepção positivista do homem brasileiro, possivelmente por não serem os textos consultados os que melhor se prestassem a tal intuito, fica registrada aqui nossa tentativa.

## BIBLIOGRAFIA

BARRETO, Luis Pereira. **As três filosofias**. Jacareí, Tipografia Comercial, 1876 XV, 309p. 21cm.

- BARRETO, Luis Pereira. **O século XX sob o ponto de vista brasileiro...** São Paulo, o Estado de São Paulo, 1901, 42p. 22cm.
- FREYRE, Gilberto. **Problemas brasileiros de antropologia.** 3 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed. 1962, 313p.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 16 ed. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Ed. 1983, 158p.
- LEMONS, Miguel. **O positivismo e a escravidão moderna...** 2 ed. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1884. 64p. retr.
- MENDES, Raimundo Teixeira. **As agitações políticas e a regeneração humana: a propósito da próxima substituição presidencial.** Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, 1922.
- MENDES, Raimundo Teixeira. **Ainda o militarismo perante a política moderna...** Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brasil, 1908. 106p.
- MENDES, Raimundo Teixeira. **Cartas de Miguel Lemos a Teixeira Mendes...** Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brasil, 1965. 237p. ilustr. retrs.
- MENDES, Raimundo Teixeira. **A mistificação democrática e a regeneração social.** Rio de Janeiro, Templo da Humanidade, 1906. 70p.
- MENDES, Raimundo Teixeira. **Benjamin Constant; esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do fundador da República Brasileira...** 2 ed. Rio de Janeiro, Igreja Positivista do Brasil, 1913, 2v. ilustr.

#### NOTAS

- (1) Holanda, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, p. 106.
- (2) Ibid. p. 106.
- (3) Ibid. p. 107.
- (4) Ibid. p. 107.
- (5) Cfr. Ibid. p. 108-110.
- (6) Ibid. p. 109.
- (7) Cfr. Holanda, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**, p. 111-112.
- (8) Cfr. Ibid. p. 112.
- (9) Cfr. Ibid. p. 114.
- (10) Freyre, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**, p. 34.
- (11) Ibid. p. 43.
- (12) Cfr. Ibid., p. 45.
- (13) Ibid. p. 46.
- (14) Freyre, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**, p. 58.
- (15) Ibid. p. 107.
- (16) Ibid. p. 142-143.
- (17) Ibid. p. 57-58.
- (18) Freyre, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**, p. 60.
- (19) Ibid. p. 275.

(20) Ibid. p. 276.

(21) Ibid. p. 155.

(22) Ibid. p. 155.

(23) Ibid. p. 171-172.

(24) Barreto, Luis Pereira — As três filosofias.

Idem. O século XX sob o ponto de vista brasileiro.

Lemos, Miguel. O positivismo e a escravidão moderna.

Mendes, Raimundo Teixeira. As agitações políticas e a regeneração humana.

Idem. Ainda o militarismo perante a política moderna.

Idem. Cartas de Miguel Lemos a Teixeira Mendes.

Idem. A mistificação democrática e a regeneração social.

Idem. Benjamin Constant; esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do fundador da República Brasileira.

(25) “A emergência, hoje, do problema humano não está nas reformas políticas, e sim, nas reformas sociais. (Luis Pereira Barreto in As três filosofias, p. 51).

“... a incorporação do Proletariado na sociedade, onde ele acha-se até hoje, apenas acampado” (R. Teixeira Mendes in Ainda o militarismo... p. 75).

“Como se torna crime a subtração a essa violação da liberdade individual, procedendo diversamente conforme se trata dos proletários ou das classes burguesas? (R. Teixeira Mendes in Ainda o militarismo. p. 100).

“Não são só os proletários que podem tornar-se criminosos; em todas as classes, infelizmente, sem excetuar as mais eminentes funções sociais, podem dar-se crimes os mais monstruosos. E se isso não é razão para submeter as classes burguesas ao Gabinete de Identificação, por que hão de ser submetidos os proletários?” (R. Teixeira Mendes in Ainda o militarismo... p. 102).

(26) Na obra “O positivismo e a escravidão moderna”, Miguel Lemos apresenta, no apêndice 1, seus apontamentos para a solução do problema social no Brasil, onde apresenta as “Bases para um projeto abolicionista”.

(27) “O Positivismo é uma religião, o que quer dizer que coordena os **sentimentos** e os atos de acordo com as **opiniões** que preza e demonstra” (Miguel Lemos in O positivismo e a escravidão moderna. p. 13. Os grifos são do autor).

“A religião é a coordenação de toda a existência humana, quer individual, quer coletiva. Tem por fim **congregar** os homens e estabelecer um laço interno, de modo a **regular** cada indivíduo. Em palavras do Mestre: a religião indica o estado de completa **unidade** do indivíduo e da sociedade, quando todos os aspectos daquele e desta, tanto morais como físicos, convergem habitualmente para um destino comum. Ela abrange necessariamente não só o governo do **sentimento**, mas o da **inteligência** e o da **atividade**, tríplice aspecto de nossa natureza pessoal e social, que ela combina sob a presidência do primeiro” (Teixeira Mendes in “Cartas de Miguel Lemos a R. Mendes p. 220. Grifos do autor).

(28) “... nenhum membro do Centro Positivista Brasileiro pode possuir escravos, nem por compra, herança, donativo ou empréstimo” (Miguel Lemos in O Positivismo e a escravidão moderna p. 13).

(29) O atual maquinismo social é posto em movimento pelas ciências (Cfr. Pereira Barreto in As três filosofias p. 59).

“A ciência caminha sempre fomentando cada vez mais os laços da solidariedade humana” (Pereira Barreto in O século XX ... p. 27).